



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

TEWTASA WAI WAI

Da Guiana Inglesa para o Brasil:
O processo de migração do povo indígena Wai Wai através dos relatos de
História Oral (1967-1981)

Santarém
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

TEWTASA WAI WAI

Da Guiana Inglesa para o Brasil:
O processo de migração do povo indígena Wai Wai através dos relatos de
História Oral (1967-1981)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências da
Educação para a obtenção de grau em
Licenciatura em Geografia e História da
Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientador: Dr. Gefferson Ramos
Rodrigues

Santarém
2019

TEWTASA WAI WAI

**Da Guiana Inglesa para o Brasil:
O processo de migração do povo indígena Wai Wai através dos relatos de
História Oral (1967-1981)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências da
Educação para a obtenção de grau em
Licenciatura em Geografia e História da
Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientador: Dr. Gefferson Ramos
Rodrigues

Santarém: ___/___/ 2019.

Dr. Gefferson Ramos Rodrigues – Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará

- Membro 1

- Membro 2

Santarém

2019

Dedico esse trabalho à minha família da Aldeia Mapuera. Obrigado pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda distância, todo o sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar... Hoje estamos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho! Obrigado por acreditarem em mim!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, pela sabedoria, por todas as minhas conquistas pessoais e profissionais e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais. Por me ajudar também desde que entrei na UFOPA e a fazer o Trabalho Conclusão de Curso (TCC). A todos que contribuíram com a minha formação externo aqui meus sinceros agradecimentos.

Ao Prof. Dr. Gefferson Ramos Rodrigues, meu orientador, por ter despertado em mim o desejo de conhecer e de idealizar este trabalho. Por suas orientações, por compartilhar de conhecimentos e material bibliográfico e pelo carinho e confiança em mim dispensados desde o início dessa parceria.

Aos meus Pais, senhor Osvaldo e dona Ivana e meus irmãos (as) que sempre foram minha base forte nesta caminhada; o meu muito obrigado por tudo aquilo que me instruíram e por todos os princípios que me foram passados.

Agradeço a todos os meus professores de História, por vocês terem compartilhado o conhecimento comigo e sou grato as minhas colegas de turma de História 2014. Deixo aqui o meu muito obrigado, vocês me ajudaram muito.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema estudar o processo migratório do Povo Indígena Wai Wai da Guiana Inglesa para a região Norte do Brasil através de relatos dos senhores da Aldeia Mapuera. O objetivo é pesquisar relatos orais dos senhores das etnias Wai Wai, Katwena, Xerew, Tuunayana e Hixkariyana e ouvi-los falar sobre a história do seu povo. A escolha do tema surgiu com a preocupação de que, atualmente, os jovens da etnia Wai Wai não sabem sua origem e história. Com essa iniciativa espero colaborar para manter nossa história viva, através do registro escrito para as futuras gerações.

Palavras-Chave: Migração. Guiana. Brasil. Wai Wai. Mapuera.

ABSTRACT

The present work has as its theme the migratory process of the Wai Wai Indigenous People from English Guiana to the northern region of Brazil made through reports from the Mapuera Village lords. Where the goal is to research oral reports from the Wai Wai, Katwena, Xerew, Tuunayana and Hixkariyana ethnic lords and hear them talk about the history of their people. The choice of the theme arose from the concern that, currently, young people of Wai Wai do not know its origin and history. With this initiative I hope to collaborate to keep our history alive through the written record for future generations.

Keywords: Migration. Guiana. Brazil. Wai Wai. Mapuera.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA	12
MIGRAÇÃO DA GUIANA INGLESA PARA O BRASIL SOB O OLHAR DOS ANCIÕES RESIDENTES DA ALDEIA MAPUERA	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
ANEXO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

Atualmente, os anciões da Aldeia Mapuera estão falecendo e levando junto com eles as nossas histórias ancestrais. Com isso este trabalho pretende estudar a história da migração dos Wai Wai da Guiana Inglesa para o Brasil por meio das histórias contadas pelos mais velhos. Há muitas histórias, porém não estão escritas nos livros. Dessa forma, pretende-se estudar a história para que os povos Wai Wai não se esqueçam dela e para que estejam registradas nos livros para as futuras gerações.

As fontes utilizadas na pesquisa são entrevistas orais com os Wai Wai mais velhos da Aldeia Mapuera. As entrevistas foram realizadas entre os dias 6 e 13 de julho de 2018 na Aldeia Mapuera. Foram feitas entrevistas com os mais velhos da aldeia tendo como tema principal o processo de migração do povo indígena Wai Wai da Guiana Inglesa para o Brasil. As entrevistas foram com os seguintes senhores das respectivas etnias:

Ronaldo Wakya Wai Wai - Wai Wai

Marcos Wahko Wai Wai - Xerew

Manoel Muhpi Wai Wai - Katwena

Roberto Pereira da Silva - Hixkariyana

Lelício Kawana Wai Wai - Tuunayana

João Batista de Oliveira - Xerew

Pedro Rosinaldo Tio Tio - Hixkariyana

É importante advertir que não foram feitas entrevistas com indígenas de todas as etnias que migraram da Guiana para o Brasil. Além das etnias acima mencionadas, também participaram do processo de migração, indígenas dos povos Mawayana, Parikwoto, Tiriyo, Kaxuyana, Kahyana e Xowyana.

O trabalho está dividido em três partes. O primeiro tópico tem como título “História e Antropologia” onde se trata sobre a visão dos europeus acerca dos indígenas. O segundo, intitulado “Migração da Guiana Inglesa para o Brasil sob o olhar dos anciões residentes da Aldeia Mapuera” faz a análise das fontes e mostra como foi o processo de migração do povo Wai Wai, propriamente dito. O terceiro e

último capítulo trata das “Considerações finais” apresentando um resumo dos resultados alcançados por este trabalho.

A metodologia empregada consiste em entrevistas com idosos das diversas etnias que compõe o povo Wai Wai da Aldeia Mapuera, por meio da História Oral, valorizando os relatos de memória desses povos.

O trabalho apresenta como objetivo geral: a pesquisa de relatos orais dos povos Wai Wai, Katwena, Xerew, Tuunayana e Hixkariyana e como objetivo específico: trabalhar a história oral como fonte, buscando dar voz aos povos Wai Wai para contarem a história do seu povo.

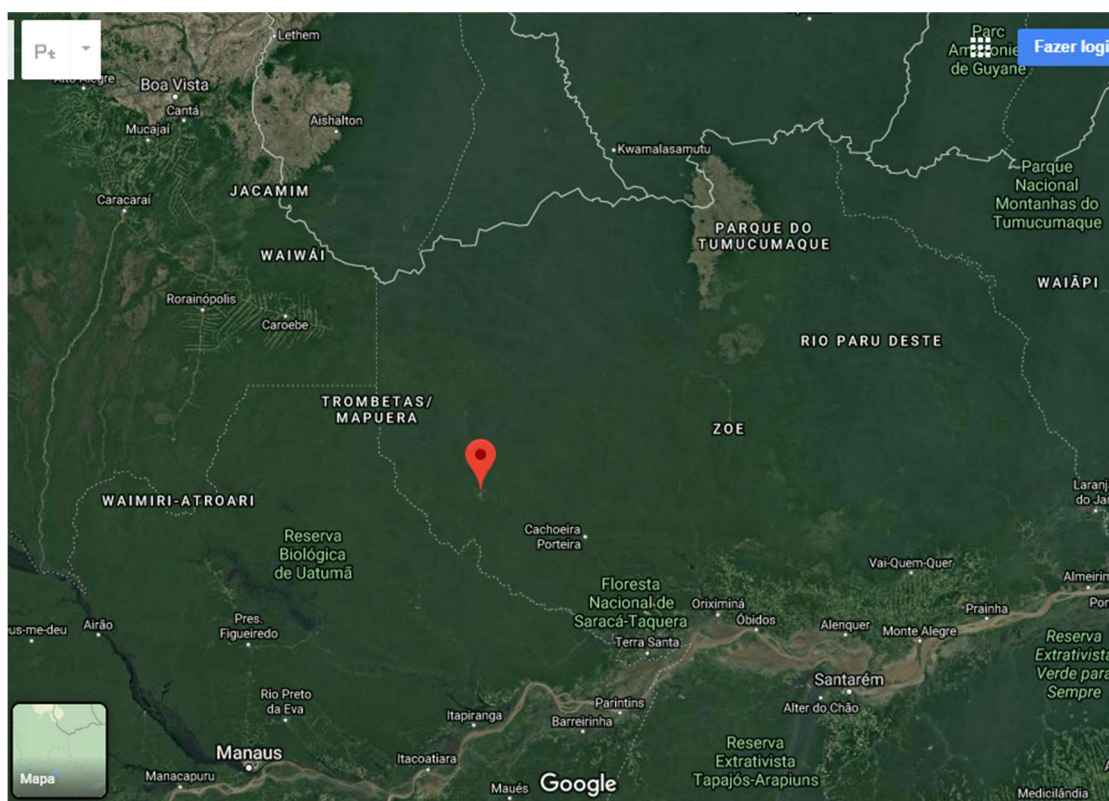
Segundo entrevistas com os senhores da Aldeia Mapuera o deslocamento do povo Wai Wai da Guiana-Inglesa para a região Norte do Brasil, Pará, se deu entre os anos de 1967 e 1981.

De acordo Ronaldo Wakya Wai Wai¹, o povo Wai Wai começou o deslocamento para o Brasil aproximadamente em 1967. Marcos Wahko Wai Wai decidiu vir em 1972, enquanto Manoel Muhpi Wai Wai veio em 1981, onde constituiu família. Outros senhores mais idosos entrevistados nessa pesquisa não souberam informar o ano em que vieram para o Brasil, pois os mais antigos não têm conhecimento de calendários, como os não-indígenas.

A Aldeia Mapuera está localizada no município de Oriximiná, no estado Pará. Suas coordenadas geográficas são 0°41'50.0"S 57°58'23.9"W. Saindo de Santarém de barco segue-se para Oriximiná e em seguida para Cachoeira Porteira. A partir daí são três dias de canoa, pelo Rio Mapuera, para finalmente chegar à aldeia. No total o percurso leva 5 dias o que impede o deslocamento diário.

¹ Ronaldo Wakya Wai Wai. Entrevista realizada na aldeia Mapuera, Pará, Brasil, no dia 10 de julho de 2018.

Localização da Aldeia Mapuera



FONTE: Google Maps

Vista aérea da Aldeia Mapuera



FONTE: Visitante

O povo indígena Wai Wai recorre a cidade de Oriximiná para comprar materiais diversos e, entre outras coisas, também a Casa de Saúde Indígena (CASAI), sendo os casos mais graves encaminhados à cidade de Santarém.

Na Aldeia Mapuera existem várias etnias, porém falamos uma única língua, o Wai Wai. Outras etnias tinham sua própria língua, mas segundo Orlando Oronti Wai Wai² os “missionários pediram para não falar na nossa língua, mas falar somente na língua Wai Wai”. Por esse motivo alguns desses povos perderam a língua materna.

HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

Desde a chegada dos portugueses, houve uma visão negativa sobre os povos nativos, embora esta não fosse uma visão dominante. Essa acabou sendo uma das visões mais conhecidas em razão da própria maneira de se ensinar história nas escolas país afora, como mostrou John Manuel Monteiro:

Os manuais escolares e mesmo a historiografia profissional tendem a liquidar rapidamente com as populações indígenas, dando-lhes certo destaque – como não podia deixar de dar – apenas nos anos iniciais da colonização. Apesar de reaparecerem pontualmente em alguns episódios, por exemplo, como valentes auxiliares dos luso-brasileiros na guerra contra os holandeses, ou como vítimas dos excessos dos bandeirantes, ou, ainda como os preteridos do magnânimo Rondon no início deste século, as populações indígenas de fato – contrapostas ao início imaginado – são povos invisíveis em grande parte da história que se ensina convencionalmente... (MONTEIRO, 2004, p. 237).

Houve um tratamento desumano e bárbaro em relações as populações nativas no Brasil e isso tem consequências até nos dias de hoje. Entretanto, restringir à sociedade indígena às ações dos colonizadores é reservar aos nativos o papel de coadjuvante. Nesse aspecto, a persistência dessa perspectiva apenas colabora para mais um ato injusto. Isso porque, há uma via de estudo que procura

2 Orlando Oronti Wai Wai, meu avô, faleceu em 11 de abril de 2011 e essa informação me foi passada por ele.

reelaborar a identidade indígena através da inter-relação com o colonizador, retirando o indígena de agente totalmente passivo frente a esse processo de grandes mudanças que estava ocorrendo na América.

Desse modo, esse quadro vem mudando graças ao grande esforço de diferentes atores sociais, em especial de antropólogos, historiadores e linguistas. De acordo com Monteiro:

As questões postuladas a partir do final dos anos de 1970 introduziram duas novidades importantes, uma prática e outra, teórica. Surgiu, de fato, uma nova vertente de estudos que buscava unir as preocupações teóricas frente à relação história/antropologia com as demandas cada vez mais militantes de um emergente movimento indígena, que encontrava apoio em largos setores progressistas que renasciam numa frente ampla que encontrava cada vez mais espaço frente a uma ditadura que lentamente se desmaterializava (MONTEIRO, 2001, p. 5)

Assim sendo, estão emergindo aos poucos as diferentes perspectivas acerca da vida dos indígenas, suas estratégias e suas relações com os invasores. Porém, existem grandes dificuldades em preencher espaços deixados nos documentos tanto nacionais, quanto estrangeiros, a exemplo dos documentos que se encontram em Portugal. Contudo, surgem outros problemas acerca dessa nova visão sobre os povos nativos. Segundo Monteiro: “O maior desafio que o historiador dos índios enfrenta não é a simples tarefa de preencher um vazio na historiografia, mas, antes a necessidade de desconstruir as imagens e os pressupostos que se tornaram lugar-comum nas representações do passado brasileiro” (MONTEIRO, 2004, p. 239).

Corroborando esse cenário, nota-se também o descaso e os abusos do próprio Estado Brasileiro, responsável pelo desvelo de sua população, e do preconceito contra os indígenas. Nesse contexto a falta de interesse, a ausência de participação e o esquecimento dos povos nativos, violam direitos constitucionais e humanos.

Dessa forma, como integrantes do patrimônio imaterial do país, os saberes, as tradições e os costumes dos nativos são colocados à margem da história. Ou seja, como seres inertes ou fossilizados, sem o mínimo interesse do Estado em resgatar ou financiar estudos que procure revalorizar a cultura indígena, permanecendo estático no tempo. Segundo aponta Monteiro:

Prevalece entres os historiadores brasileiros ainda hoje duas noções fundamentais que foram estabelecidas pelos pioneiros da historiografia nacional: são, antes, do domínio da antropologia, mesmo porque a grande maioria dos historiadores considera que não possui as ferramentas analíticas para se chegar nesses povos ágrafos que, portanto, se mostram pouco visíveis enquanto sujeitos históricos. A segunda noção é mais problemática ainda, por tratar os povos indígenas como populações em vias de desaparecimento. Aliás, é uma abordagem minimamente compreensível, diante dos tristes registros de guerra, epidemias, massacres e assassinatos atingindo populações nativas ao longo dos últimos 500 anos. (MONTEIRO, 2001, p. 4).

Essa perspectiva traz grandes desvantagens, uma vez que oculta a resistência dos indígenas no tocante ao processo de contato com os povos brancos, pois houve aprendizagem por parte dos nativos aos costumes europeus, não causando o processo de aculturação, mas assimilação dos costumes trazidos pelo invasor branco, adversários. Segundo Monteiro: “os Guaikuru e Pyaguá se apresentavam como os mais formidáveis da expansão portuguesa nos séculos XVII e XVIII, tanto uma quanto outra sociedade desenvolveu a sua resistência a partir de adaptações e inovações tiradas dos brancos: cavalo, nos casos dos Guaikuru, ferro, no caso dos Pyaguá” (2004, p. 242).

Portanto, os povos indígenas deixaram para a sociedade brasileira uma diversidade cultural importante para a formação da população e da identidade nacional, sendo necessária a atuação de instituições governamentais na proteção, resgate histórico e garantias de direitos legais. Assim, é necessária uma reestruturação do modo de tratamento direcionado a essa população a fim de garantir práticas e manifestações culturais como vem fazendo os estudiosos:

Felizmente, a história desse povo vem sendo recuperada e repensada, não apenas através das pesquisas e dos debates acadêmicos, como também no interior de um movimento indígena emergente. Como parte indispensável do processo de revitalização étnica, na defesa dos direitos territoriais e, sobretudo, na revitalização dos direitos de ser diferente, lideranças políticas e professores indígenas colocam em sua agenda a tarefa de apropriar-se do seu passado. Não basta mais caracterizar o início histórico simplesmente como vítima que assistiu passivamente a sua destruição ou, numa vertente, mais militante, como valente guerreiro que reagiu brava, porém irracionalmente à invasão europeia. Importa recuperar o sujeito histórico que agia de acordo com a sua leitura do mundo ao seu redor, leitura esta informada tanto pelos códigos culturais da sua sociedade como pela percepção e interpretação dos eventos que desenrolaram (MONTEIRO, 2004, p. 247).

Verifica-se, dessa forma, a conveniência e a importância de preservar a cultura indígena no Brasil com a expressão e identidade nacional. Mediante as instituições de ensino, é preciso promover mais debates a respeito da causa indígena e incluir no conteúdo escolar, assim como foi feito com a cultura afro-brasileira, as manifestações culturais indígenas – suas lutas, histórias e literatura –, capaz de contrastar com os nativos do século XVI e os atuais, a fim de gerar os sentimentos de respeito, tolerância e alteridade.

Além disso, cabe ao próprio indivíduo buscar informações para conhecimento dos indígenas para que, finalmente, uma nova carta aos europeus seja escrita com base na valorização das raízes brasileiras.

Por outro lado, o diálogo entre a Antropologia e a História vem demonstrando resultados positivos e promissores, promovendo uma “virada antropológica” entre as décadas de 1970 e 1980, com a ampliação de perspectivas acerca da cultura. Ou seja, um novo olhar acerca dos valores, dos símbolos, das tradições, das ideias, dos costumes e práticas que se tornam características de um grupo, seja ele familiar, social, étnico ou religioso, o que resulta em uma compreensão mais abrangente. De acordo com Almeida:

A partir dessas novas perspectivas, uma série de visões estereotipadas, preconceituosas e simplistas têm sido ultrapassadas, revelando sociedades complexas, nas quais indivíduos e grupos étnicos e sociais diversos circulam, interagem, influenciam-se mutuamente e transformam suas culturas, histórias e identidades (ALMEIDA, 2010, p. 151).

Isso porque, o ensino de História produzido pela historiografia reproduzia um panorama, no qual a própria formação da disciplina tinha sua essência construída a partir dos clássicos latinos e gregos. Desse modo, a historiografia europeia, num período em que só havia História científica no Velho continente predominou, tornando-se a História do homem como história da civilização cristã ocidental, como mostra Guarinello:

Uma espécie de História Universal da Europa: daí a sequência, que domina muitos currículos escolares, mesmo em países não europeus, que vai de uma História Antiga (dividida entre Oriente Próximo, Grécia e Roma), uma História Medieval, uma Moderna e assim por diante, correspondendo a “idades” essencialmente europeias. Não se trata, obviamente, da História do Homem, mas de uma sequência simbólica, apenas nacionalmente europeia, pois não corresponde nem mesmo à história de qualquer parte específica do que se possa entender por Europa. Esse viés eurocêntrico perpassou praticamente todas as interpretações mais globais da história incluindo

aquelas de derivação marxista, que europeizavam o restante do globo (colocando suas histórias numa mesma sequência de modos de produção) e definiam seu futuro comum (o socialismo) pelas transformações de um presente que era essencialmente europeu. O eurocentrismo da historiografia contemporânea é um claro viés, uma visão arbitrária e ideológica. Não precisamos rejeitá-lo com desprezo: afinal, toda interpretação da história é arbitrária e a História Universal europeia, em certos termos, cumpriu um papel importante. Deu um primeiro sentido à história mundial, enquanto o presente e o futuro desta pareciam centrados na Europa, de onde partiam os impulsos para uma integração global. Mas hoje esse eurocentrismo é anacrônico e claramente insuficiente (GUARINELLO, 2004, p. 4).

Dessa maneira, os historiadores se dedicavam, segundo Almeida “a pesquisas empíricas e diacrônicas baseadas fundamentalmente em fontes escritas, por meio das quais visavam reconstruir, com considerável dose de veracidade, o passado de sociedades consideradas históricas” (ALMEIDA, 2010, p. 153).

Contudo, a antropologia ao estudar o homem em todas as suas dimensões, e tendo sua definição de acordo com Santos:

A Antropologia é o estudo do homem como ser biológico, social e cultural. Sendo cada uma destas dimensões por si só muito ampla, o conhecimento antropológico geralmente é organizado em áreas que indicam uma escolha prévia de certos aspectos a serem privilegiados como a “Antropologia Física ou Biológica” (aspectos genéticos e biológicos do homem), “Antropologia Social” (organização social e política, parentesco, instituições sociais), “Antropologia Cultural” (sistemas simbólicos, religião, comportamento) e “Arqueologia” (condições de existência dos grupos humanos desaparecidos). Além disso, podemos utilizar termos como Antropologia, Etnologia e Etnografia para distinguir diferentes níveis de análise ou tradições acadêmicas. Para o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1970: 377) a etnografia corresponde “aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição; trabalho de campo”. A etnologia, com relação à etnografia, seria “um primeiro passo em direção à síntese” e a antropologia “uma segunda e última etapa da síntese, tomando por base as conclusões da etnografia e da etnologia”. Qualquer que seja a definição adotada é possível entender a antropologia como uma forma de conhecimento sobre a diversidade cultural, isto é, a busca de respostas para entendermos o que somos a partir do espelho fornecido pelo “Outro”; uma maneira de se situar na fronteira de vários mundos sociais e culturais, abrindo janelas entre eles, através das quais podemos alargar nossas possibilidades de sentir, agir e refletir sobre o que, afinal de contas, nos torna seres singulares, humanos. (SANTOS, 2009).

Nesse sentido, essa definição já mostra uma tentativa de superação da perspectiva etnocêntrica, pois os antropólogos, segundo Almeida “passaram a interessar-se pelos processos de mudanças sociais, percebendo que seus objetos de estudos não eram imutáveis e estáticos” (ALMEIDA, 2010, p. 152).

Dessa forma, a Antropologia passou a abarcar o estudo do ser humano como ser cultural e promotor de cultura. Ou seja, passou a explorar as culturas humanas não apenas no tempo, mas também no espaço, além de suas origens e difusões, bem como semelhanças e diferenças.

Assim, a Antropologia tornou o conhecimento do comportamento cultural humano, o seu foco principal. E, a partir do entendimento da diversidade dos meios culturais dentro dos contextos em que são produzidos, a antropologia colaborou para mitigar os preconceitos oriundos do etnocentrismo, obtendo um maior respeito à diversidade.

Todavia, tanto a disciplina História quanto a Antropologia, ao longo do século XIX, foram se construindo e se consolidando, mas pouco se comunicavam o que ocasionava uma fronteira definida reduzindo a objeto de estudo no tocante tanto a interpretação quanto na forma de abordá-lo. Porém, segundo Ginzburg a interlocução entre elas foi se tornando possível a partir de mudanças teórico-metodológica no âmbito das duas disciplinas (ALMEIDA, 2010).

KRECH (ALMEIDA, 2010) complementa da seguinte forma: “entre os antropólogos, a ideia de buscar uma aproximação com a história já se colocava desde a década 1950, quando algumas vozes já alertavam para as consequências negativas de se levar em conta a trajetória dos povos para a compreensão de sua cultura”.

Da mesma forma, os historiadores buscaram formular conceitos e utilizar metodologias capazes de formular um entendimento coeso dessas realidades sociais singulares. Assim, a interdisciplinaridade entre as ciências sociais e humanas passou a ser um marco para estudos futuros, como mostra Almeida:

O principal ponto de encontro entre historiadores e antropólogos tem se dado basicamente no campo da história cultural e da cultura entendida em perspectiva histórica. Nesse campo, fronteiras antes nitidamente demarcadas tornam-se tênues ou até desaparecem em abordagens interdisciplinares que valorizam igualmente as mais variadas fontes (de ambas as disciplinas), extraíndo delas novos dados por meio dos quais são repensados tanto sistemas culturais de diferentes épocas, quanto processos históricos. Mudanças teórico-metodológicas no interior das duas disciplinas permitiram, portanto, a ampliação do diálogo entre seus estudiosos, com consideráveis benefícios para ambos os lados, o que resultou na complexificação, historização e ampliação de alguns conceitos básicos para se pensar as relações de alteridade (ALMEIDA, 2010, p. 153).

É importante explicitar que essa conversa entre História e Antropologia não significa uma perda de identidade em relação ao historiador, ao contrário, todas as perspectivas humanas passam a ter uma nova dimensão a partir do aspecto cultural. Assim sendo, os temas do cotidiano e ações de homens genéricos, ou seja, um anônimo, foram se tornando relevantes para os historiadores, uma vez que mulheres, camponeses, cativos e vários outros atores sociais, antes tidos como irrelevantes pelo olhar do historiador, tiveram suas atitudes, comportamentos e pensamentos valorizados por meio de pesquisas nas interpretações históricas. Corroborando as palavras de Peter Burke (2000, apud ALMEIDA, 2010), Almeida diz:

Foi fundamental a incorporação das compreensões antropológicas sobre cultura tanto no sentido malinowskiano – como “artefatos herdados, bens processos técnicos, ideias, hábitos e valores” – como geertziano – enquanto “dimensões simbólicas da ação social”. Da mesma maneira, o conceito de tradição tem sido também entendido em termos antropológicos, prevalecendo a ideia de “reprodução cultural” no sentido de que “[...] as tradições, segundo as quais, “tudo o que é recebido, é recebido segundo a maneira do recebedor”, enfatizando-se pois a apropriação no lugar da transmissão e negando-se “[...] a possibilidade de encontrar sentidos fixos nos artefatos culturais”.

Nesse sentido, índios, africanos e seus descendentes, comumente vistos tanto por historiadores, como trabalhadores braçais escravos ou vítimas passivas diante da ideologia opressora, quanto por antropólogos como donos de culturas tradicionais na iminência de sumir, tornam-se agentes sociais de grande relevância, cujas atitudes foram ganhando novos significados, em razão da real possibilidade de se despir dos parâmetros engessados construídos ao longo do tempo e passar a formular novos conhecimentos. E, o ponto de partida, de acordo com Oliveira é:

Para de pensar sobre uma área relativamente nova do conhecimento – uma antropologia dos “índios misturados” – não é fazer tábula de sistematização científicas anteriores nem de saberes práticos, mas justamente fazer passar por um exame crítico algumas das perguntas e atividades que constituíam, classificavam e atribuíam significação àquele fenômeno. O que precisamos é saber reconhecer, dentro do cumulo da etnologia brasileira, os pressupostos que podem e devem ser adotados em nossos estudos, destituindo-os de outros que irão anular a sua originalidade e enquadrá-los em formulas gastas e inadequadas, que viabilizam a colocação de questões novas (OLIVEIRA, 1994, p. 102).

Ao valorizar a cultura desses povos como elementos explicativos de sua própria realidade, destacando pontos de vista histórico e cultural, tanto os

historiadores quanto os antropólogos, de forma direta, contribuíram para desconstrução de visões estereotipadas acerca dos índios, por exemplo, e passaram a construir e, em especial, revalorizar as crenças, hábitos e tradições deixadas à margem da história por muito tempo.

No entanto, por meio dessa nova releitura da história-antropológica foi possível abrir uma discussão sólida sobre a questão da territorialidade indígena que perdura por muito tempo, como aponta Oliveira:

A noção de “território indígena”, com a qual trabalhamos atualmente, está presente na legislação e demanda dos antropólogos relatórios técnicos de identificação e peritagens judiciais; é uma elaboração dos brancos e encontra-se historicamente datada. A sua constituição ocorreu na década de 50, por ocasião dos debates relativos à criação do Parque Indígena do Xingu. A proposta final apresentada pelo SPI incorporava argumentos e sugestões de diversos antropólogos, como Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira. Nela se tomava como dever do Estado e finalidade explícita estabelecida há mais de século na região dos formadores do Rio Xingu, mantendo uma relação simbiótica com aquele nicho ecológico, sem permitir a fixação de colonos brancos na região, mas desenvolvendo mecanismos estáveis de convivência intertribal. Pela primeira vez, propunha-se a destinação aos índios de uma parcela bastante extensa do território nacional, e o argumento utilizado para justificar os limites geográficos estabelecidos era de que os recursos naturais ali existentes seriam os necessários e suficientes para garantir aos índios a plena reprodução de sua cultura e do seu modo de vida (OLIVEIRA, 1994, p. 108).

Foi essa forma padronizada de definição de Terra Indígena (TI) que constou primeiramente na Emenda Constitucional de 1969 e na Carta Magna de 1988. Essa, aliás, contempla com maior abrangência a definição de Terras Indígenas, em razão de assegurar que nelas os índios exerçam de modo estável e regular a ocupação territorial da área demarcada de acordo com seus modos e costumes.

MIGRAÇÃO DA GUIANA INGLESA PARA O BRASIL SOB O OLHAR DOS ANCIÕES RESIDENTES DA ALDEIA MAPUERA

A maioria das entrevistas foram realizadas na Aldeia Mapuera e uma pequena parte foi feita em Santarém aproveitando, neste caso, a presença de algumas pessoas da Aldeia que estavam na cidade para tratamento de saúde. As entrevistas foram feitas com dificuldade, pois alguns dos entrevistados cobravam por isso, o que antes não acontecia. Era pedido dinheiro, alimentos e materiais diversos em troca de seus relatos. Assim, não foram feitas entrevistas com indígenas de outras etnias,

apenas com aqueles que se tinha maior contato pessoal, no caso os Wai Wai, Katwena, Xerew, Tuunayana e Hixkariyana. Com os demais foram realizadas apenas conversas, sem o uso de gravador.

Em geral, as pessoas com as quais houve a conversa, eles disseram que na vinda para o Brasil enfrentaram muitas dificuldades. Passaram fome, tiveram doenças e alguns até morreram durante os cinco meses de viagem para chegar até a Aldeia Mapuera onde vivem atualmente.

Durante as conversas, algumas pessoas falaram também que eles não vieram para o Brasil no mesmo ano, mas que existiram diversas viagens. Todos eles decidiram partir por própria vontade.

Com as pessoas que foram gravadas entrevistas, é possível saber de maneira mais detalhada a história da migração dos Wai Wai da Guiana para o Brasil. Ronaldo Wakya Wai Wai é filho de pai Wai Wai e mãe Xerew. Ele nasceu na Aldeia Kanashen (Guiana) que significa “Deus ama você” na língua Wai Wai. Para Ronaldo, ser indígena é morar na floresta e falar a língua nativa. As atividades que realiza na comunidade são roçar, além de ser pastor da igreja da aldeia.

Ronaldo migrou junto com sua família em 1967, por conta do medo de que os militares ocupassem a região. Naquela época Ewka era o cacique na aldeia. Ele decidiu voltar para o Brasil para o lugar chamado Rio Kumuwo Kwaka, antigo nome do Rio Mapuera.

Para Ronaldo a vida era boa na Guiana, lá ele estava indo para escola, por exemplo. Atualmente na Aldeia Mapuera, a qualidade de vida dele é melhor ainda. Também tiveram contato com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que realizou emissão dos documentos para ter direito de viajar e trabalhar.

A etnia de Marcos Wahko Wai Wai é Xerew e ele nasceu na floresta, mas não se lembra do local. Para Marcos, ser indígena também é morar na floresta e sua comunidade é a Aldeia Mapuera, onde ele é pastor e tem boa convivência fazendo apenas festas cristãs e ensinamentos bíblicos. Antes disso ele morava na floresta com seus pais, onde faziam coisas que, segundo sua avaliação hoje em dia, não

eram boas, a exemplo de feitiços. Com o tempo ele e sua família foram levados pelos Wai Wai para Kanashen.

Antes da chegada dos missionários americanos na Aldeia Kanashen era comum a prática de fazer feitiços. Existiam os pajés e os feiticeiros. Com a catequização pelos missionários da Igreja Batista, tais práticas foram proibidas.

Em relação a prática do que se chama hoje de feitiços, mas que antes era parte das tradições dos Wai Wai, Tewtasa Wai Wai diz:

Eu até concordo com a fala de Marcos, pajé e feitiço não eram bons, isso leva até a morte, quando os Wai Wai usavam o pajé e o feitiço, a população não aumentava, porque teve muita briga. Quando os missionários chegaram na aldeia dos indígenas dos Wai Wai eles ficaram muitos anos e começaram a falar para abandonar o feitiço e pajé, sempre eles falavam que isso não é coisa boa, isso leva até a morte quando Deus voltar, depois eles abandonaram a pajelança e a feitiçaria e começaram a aumentar a população. Hoje em dia, nossa população aumenta cada vez mais. Se a gente continuasse com o pajé e o feitiço a gente não estaria aqui no Brasil, a gente sempre ficaria no mato (Wai Wai, 2019).

Quando Marcos decidiu vir para o Brasil foi em 1972. Ele era jovem e então o cacique Ewka disse que eles tinham que ir para outro lugar, pois na Guiana não havia medicamentos, nem posto de saúde adequado para tratar das doenças. As autoridades, disse Marcos, enganavam o cacique Ewka, pois ele viajava para a cidade em busca de equipamentos e materiais e os governos prometiam, mas as promessas nunca chegavam à comunidade. Por isso vieram para o Brasil.

Ao chegar no Brasil, considerou Marcos, que a vida melhorou muito, pois eles passaram a ter medicamentos e posto de saúde; também tiveram contato com a FUNAI, que realizou a emissão dos documentos para que pudessem ter direito a saúde, educação, entre outros serviços.

Manoel Muhpi Wai Wai é filho de pai Kahyana e mãe Tunayana. Ele nasceu na Aldeia Turuni, região do Suriname. Manoel fala que tem sobrenome Wai Wai

porque ele viveu junto com os Wai Wai. Para Manoel ser indígena é morar na floresta, onde não há dinheiro, apenas quando pescam, caçam ou fazem roça.

Hoje ele mora na aldeia Mapuera e é pastor da igreja. Antes de morar na Guiana e no Brasil, ele morava no Suriname, onde ficou até 1980. Nesse ano, foi levado pelos Wai Wai para a Guiana e no ano seguinte, em 1981, decidiu migrar para o Brasil onde construiu sua família. Segundo Manoel, ele veio porque tinha medo de que os militares ocupassem a região e também porque não tinham acesso a transporte, dinheiro e equipamentos para serem usados na comunidade. Apesar dessas carências, sua convivência na Guiana era boa. Lá também não tinham acesso à cidade, por isso não existiam vários tipos de doenças. Hoje em dia no Brasil tem várias doenças, segundo comentou, em razão dos alimentos que consomem dos não indígenas, entre outras coisas. Para Manoel, a relação com a FUNAI foi muito boa, pois teve a oportunidade de emitir seus documentos, porém, houve erro na sua emissão, já que foram registradas todas as etnias com sobrenome Wai Wai. Manoel disse ainda que gostaria que fosse colocado em seu documento o sobrenome Kahyana, que é a sua verdadeira etnia. Como ele disse, foi um erro, mas mesmo assim continua com o sobrenome Wai Wai.

Roberto Pereira da Silva tem pai Hexkariyana e mãe Xowyana. Ele nasceu pouco acima do Rio Mapuera, num lugar chamado Kaari. Para ele, ser indígena é morar na floresta, é fazer artesanato e outros. Ele é pastor da aldeia, mas antes de ser pastor trabalhava na escola como professor na Aldeia Kanashen. A vida dele era boa, só os missionários pregavam a palavra Deus, faziam festas tradicionais e tinham alimentação.

Roberto veio para o Brasil porque o presidente da Guiana na época falava que aconteceria uma guerra para tomar a Guiana. Cacique Ewka foi para a capital para reunir com presidente para saber se o povo Wai Wai poderia ir para outro lugar. Depois se reunir com presidente, o cacique fez reunião junto com a comunidade para decidir voltar para Brasil. Enquanto alguns quiseram vir, outros quiseram permanecer na Guiana, onde moram atualmente.

Segundo Roberto, a vida dele no Brasil é a mesma vida que tinha em Kanashen. Não mudou em nada. Com a chegada ao Brasil teve contato com a

FUNAI que realizou emissão dos documentos para ter direito de participar de programas sociais do governo.

A etnia de Lélício Kawaña Wai Wai é Tunayana, mas hoje em dia eles são considerados como Katwena. Ele nasceu no Brasil na Aldeia Yewucwi. Para Lélício ser indígena é estar na floresta onde passam por dificuldades. Atualmente ele mora na Aldeia Tamyuru onde também é cacique. Antes ele morava em Yewucwi e depois foram para Aldeia Yakayaka (localizada na Guiana), levados pelos Wai Wai.

Enquanto ele morava em Yakayaka, ouviam dizer que naquele país aconteceria uma guerra. O território dos Guianenses (Mekuru) era de menor tamanho que o Brasil. Também ouvia que as pessoas falavam que o Brasil é grande e não tinha guerra. Assim ele decidiu voltar para o Brasil. Também outro motivo foi que no Rio Mapuera tinha bastante peixe como pacu, piranha entre outros que eram pescados com casca de árvore, banana e por esses motivos vieram ao Brasil.

Lélício morou em Mapuera por muito tempo, mas como as pescas, caças e roças estavam acabando, pois a cada ano aumentava muito o povo Wai Wai na aldeia. O cacique Kiricawa decidiu fazer uma nova aldeia chamada Tamyuru, somente para os Katwena. Outros katwenas, no entanto, permaneceram na Mapuera. Atualmente Lélício mora na Aldeia Tamyuru que fica próximo da aldeia Mapuera, duas horas de viagem.

A vida do Lélício no Brasil é melhor do que em Yakayaka. Nesta aldeia passavam muitas dificuldades. Aqui no Brasil fazem farinhas e artesanatos como fonte de renda e com as vendas compram alimentos, materiais. etc.

João Batista de Oliveira tem o pai Xerew e a mãe Xowyana. Porém, a maioria deles é conhecida como Wai Wai. João Batista nasceu na Guiana (Kanashen). O motivo pelo qual João migrou ao Brasil foi porque que os venezuelanos queriam tomar território dos guianenses. Com medo, os missionários falavam em destruir a pista de pouso de avião para que os militares não pudessem pousar na comunidade, por isso decidiram voltar para Brasil.

A convivência no Brasil é muito boa, pois a Terra Indígena Nhamundá Mapuera está demarcada e é reconhecida pelo governo, disse o depoente. Porém,

os governos não têm sensibilidade com os povos indígenas, não respeitam as leis que protegem as suas terras e não dão assistência adequada aos povos ancestrais, complementou ele.

Para João, existem as leis, porém os direitos dos povos indígenas estão sendo ameaçados, ainda mais no cenário político atual do Brasil. Com tudo isso sofreu muito, mas está melhor, porque a terra está demarcada, tem educação avançando, participam do programa social do governo tendo benefícios de Bolsa Família, aposentadoria, entre outros. Antes ficavam sós na aldeia, pois não tinham acesso a transporte; com passar dos anos conseguiram melhores condições de transporte onde os indígenas viajam para cidade, moram, estudam, enfim, estão melhorando.

Segundo João,

Quando a FUNAI teve contato com indígenas, disponibilizaram equipamentos e materiais como terçados, machados, motores de popa entre outros para atrair os indígenas, mas ainda estão acostumados com doações da FUNAI e falamos que a FUNAI não disponibiliza mais materiais, pois houve corte de orçamentos da FUNAI para doar aos indígenas, atualmente a FUNAI está à frente de proteção aos indígenas como, por exemplo, quando os índios são vistos na floresta os mesmos devem permanecer isolados sem ter contato com não indígenas se nós levarmos os indígenas da floresta eles irão adoecer muito rápido por esse motivo devem permanecer na floresta.

Foi essa a decisão dos governos a respeito dos índios isolados.

A vida de Pedro Rosinaldo Tio Tio na Guiana era boa, estudaram quando eram crianças, mas não alcançavam a meta de concluir o grau, ou seja, formatura.

Quando Pedro veio junto com suas famílias aqui para o Brasil a vida mudou. Hoje os jovens estão estudando e se formando até mesmo cursando o ensino superior na faculdade.

Para Pedro o nome índio foi o que brancos deram para eles, “e temos que aceitar, só que nós não nos sentimos como o indígena, alguns querem ser como branco, e isso não é bom, temos cultura tem que ser preservado e reconhecido” (SIC).

Atualmente Pedro mora na aldeia Mapuera e trabalhando junto com as famílias fazem roças, plantam bananas, cana-de-açúcar e outros. Pedro também trabalha como professor ensinando jovens e crianças, era líder da aldeia Mapuera,

mas ficava pesado e ele optou por ser apenas professor, ter só uma função como professor de Língua Indígena.

Pedro viveu na época em que os Missionários americanos vieram para encontrar o povo Wai Wai. Depois de anos, os Wai Wai foram procurar outros povos, com isso eles viajaram junto com eles para aldeia Kanashem. Pedro morou muito tempo com os missionários, durante 20 ou 30 anos, louvando a pregação da palavra de Deus. Então, voltaram ao Brasil para procurar demais povos que não foram encontrados. Nessa época o cacique era Ewka e isso foi no ano de 1973.

Segundo Pedro fala,

Primeiro povo que habitavam na aldeia Mapuera (atualmente moramos vários povos) eram povos do hexkariyana e Xerew, minha avó vivia na Aldeia mapuera. Na época Aldeia era perigosa tinha doença epidemias: malária, diarreia e sarampo e etc. Também tinha lugar perigoso chamado Maw Tohri (pedra de Guariba no rio) que fazia medo daquela população. Com tudo isso eles abandonaram e foram para outro lugar chamado Aldeia Kassawa – Amazonas, onde hexkariyana vivem atualmente. Foi por isso “Wai Wai” ouviram abandono da aldeia Ixamna (atual Mapuera) vieram da Guiana para reconstruir aldeia Mapuera, isso foi muitos anos depois.

Pedro veio ao Brasil, sem documentos e quando viajou para cidade de Oriximiná para tirar documentos, os não indígenas não aceitaram. Foram, então, solicitar para o prefeito de Oriximiná que autorizou, mesmo assim o cartório não queria colocar o nome indígena e colocou o sobrenome “Souza e Silva” e outros. Anos depois, a FUNAI autorizou que fosse colocado o nome indígena, por isso agora tem sobrenome indígena nos documentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização do processo migratório do Povo Indígena Wai Wai da Guiana Inglesa para o Brasil foi resultado de todo um esforço. Segundo as entrevistas realizadas, a migração teve motivos diversos: insegurança de permanecer no lugar diante do risco de não-indígenas, tomar a terra onde moravam, busca por melhores condições de vida, reconhecimento e demarcação de território, atendimento de saúde e outros fatores impulsionaram a vinda permanente dos Wai Wai para o Brasil.

Para desenvolver este trabalho foram realizadas entrevistas com parentes, em especial da Aldeia Mapuera, para obter informações mais detalhadas sobre o processo de migração com objetivo de lhes dar protagonismo.

Através de relatos de História Oral este trabalho buscou dar visibilidade à migração do Povo Indígena Wai Wai, que nos dias atuais têm uma importância fundamental para a Aldeia Mapuera.

Atualmente, os velhos Wai Wai estão morrendo e levando com eles a história do nosso povo; além disso, não temos outros meios de guardar nossa história a não ser na memória dos veteranos, sendo que os mais jovens não têm muito interesse sobre esse assunto. Desse modo, fica cada vez mais difícil manter o conhecimento sobre as origens do nosso povo. Por isso este trabalho pretendeu estudar a história da migração dos Wai Wai da Guiana Inglesa para o Brasil por meio das histórias contadas pelos mais velhos.

Há muitas histórias, porém não estão documentadas e este trabalho foi uma pequena contribuição que desenvolvi como forma de colaborar para manter nossa história viva através do registro escrito para as futuras gerações.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA
PESQUISA DE CAMPO PARA REALIZAÇÃO DE TCC
ANEXO
ALUNO: TEWTASA WAI WAI

QUESTIONÁRIO

Dados Preliminares

Nome Completo	
Data de Nascimento	
Local da Entrevista	
Data da Entrevistas	

- 1) Qual a sua etnia?
- 2) Onde você nasceu?
- 3) O que é ser indígena para você?
- 4) Qual a sua comunidade?
- 5) Como é a comunidade onde você mora?
- 6) Você faz alguma atividade específica na comunidade?
- 7) Você sempre morou nessa comunidade ou já viveu em outro lugar?
- 8) Se vivia em outro lugar, quando decidiu vir para o Brasil?
- 9) Porque decidiu vir para o Brasil
- 10) Houve algum motivo especial para vir para o Brasil?
- 11) Como era a vida no lugar onde vivia antes? O que você fazia lá?
- 12) O que vocês encontraram no Brasil? Como passou a ser a vida no seu novo lugar?
- 13) Como foi a sua relação com a FUNAI?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. O Lugar dos Índios na História entre Múltiplos Usos do Passado: reflexões sobre cultura histórica e cultura política. In: SOIHET, Rachel [et al.] (org.). Mitos, Projetos e Práticas Políticas: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. Revista. Brasileira de História. vol.24 no.48 São Paulo 2004, ISSN 1806-9347.

MONTEIRO, John M. TUPIS TAPUAI E HISTORIADOSRES: Estudos de Historias Indígenas e do Indigenismo. Campinas, agosto de 2001. Disponível em: <<http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Amonteiro>> 2001/Monteiro_2001_Tupis_tapuias_historiadores.pdf>. Acesso em: 10/11/2018.

SANTOS, Irineia M. Franco dos. História e Antropologia: Relações Teórico- Metodológicas, Debates sobre os Objetos e os Usos das Fontes de Pesquisa. Revista Crítica História. Disponível em: <<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/55/Historia%20e%20Antropologia.pdf>>. Acesso em: 09/11/2018>.